

## **BLOCOS SOCIAIS E LUTA DE CLASSES**

*Nildo Viana\**

A sociedade capitalista ampliou e complexificou a divisão social do trabalho como nunca antes na história da humanidade. A luta de classes, em determinados momentos do capitalismo, era mais cristalina e o confronto entre burguesia e proletariado era mais perceptível. A partir das mutações do capitalismo, especialmente após a emergência do capitalismo oligopolista (regime de acumulação intensivo, após segunda metade do século 19) e, mais ainda, o capitalismo oligopolista transnacional (regime de acumulação conjugado, pós-segunda guerra mundial), esse processo vai ficando cada vez menos transparente e isso dificulta a percepção das lutas de classes, especialmente no plano conjuntural e nos processos revolucionários. Uma solução para a percepção mais adequada desse processo pode ser encontrada no conceito de blocos sociais. Desta forma, torna-se importante a análise dos blocos sociais e seu significado histórico e político para a compreensão das lutas de classes.

### **Blocos Sociais e Intransparência Capitalista**

Esse processo de crescente intransparência, pós-Marx, tem a ver com a complexificação e ampliação da divisão social do trabalho, incluindo a formação e/ou consolidação de novas classes sociais. Marx previu em alguns momentos, tal como no *Manifesto Comunista* (MARX e ENGELS, 1988), uma polarização crescente entre burguesia e proletariado. Da mesma forma, analisava a revolução proletária como uma revolução da maioria, com o crescente processo de proletarização da sociedade burguesa (MARX e ENGELS, 1988). A revolução proletária também parecia próxima, pois o proletariado se desenvolvia em quantidade, organização e consciência. Esses três aspectos (polarização entre as duas classes fundamentais, proletarização e revolução da maioria, fortalecimento do proletariado) ocorreu numa época de crise do regime de acumulação

---

\* Militante do Movimento Autogestionário. Autor de diversos livros, entre os quais *Manifesto Autogestionário*, *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*, *A Consciência da História* etc. Professor da Universidade Federal de Goiás.

extensivo, que se expressou ao lado de revoluções burguesas tardias. Essas previsões ocorreram num momento de radicalização das lutas de classes na Alemanha e França, entre outros países, desde a década de 1840, embora com antecedentes em anos anteriores e com processos posteriores, que culminam com a Comuna de Paris em 1871.

A constituição do regime de acumulação intensivo, fase do capitalismo oligopolista, marca um novo estágio da luta de classes. O proletariado conseguiu extrair da burguesia algumas concessões no interior das relações sociais da sociedade capitalista, como a redução da jornada de trabalho, legalização de partidos e sindicatos, etc. Ao mesmo tempo, a sociedade capitalista avançava, tanto no processo de produção, com a instituição do taylorismo (aumento da extração de mais-valor relativo) e outros processos, quanto com a criação de uma sociedade civil organizada, com uma onda de burocratização (partidos, sindicatos, universidades, etc.). Assim, o que a burguesia cedeu, recuperou sob outra forma. No entanto, o que nos interessa aqui é que o crescente processo de mercantilização e burocratização desse regime de acumulação gera novas classes sociais. Marx, em *O Capital*, percebeu a emergência da “classe dos serviçais” (MARX, 1988), o que preferimos denominar classe subalterna, assim como a classe burocrática, existente através de sua fração estatal e empresarial, se vê fortalecida por uma ampla burocracia civil em constante crescimento (partidária, sindical, universitária, eclesiástica, etc.). A classe intelectual também se consolida em alguns setores e frações, se ampliando durante tal regime de acumulação. Assim, novas classes sociais emergem e complexificam a luta de classes, ao lado das classes anteriormente existentes (campesinato, lumpemproletariado, latifundiários, artesãos, semiburgueses, cooperados, rentistas, etc.).

Esse processo acaba promovendo uma confusão na luta de classes. O proletariado acaba muitas vezes se confundindo com algumas destas classes, tanto pela proximidade social e de renda com algumas, quanto por interesses e reivindicações semelhantes, além das influências culturais. O proletariado, por exemplo, em certos momentos e setores, se aproxima da burocracia sindical, especialmente nessa época em que a força e diferenciação desta era menor do que passa a ocorrer a partir da passagem para o capitalismo oligopolista transnacional. No entanto, a origem proletária de muitos sindicalistas acaba fazendo a confusão permanecer até os dias de hoje, embora em muito

menor grau. Mas também a proximidade com o campesinato, artesãos e semiburgueses<sup>1</sup>, aliado com a hegemonia burguesa, é outro obstáculo constituído para o avanço da luta proletária.

A questão é que essa complexificação das lutas de classes aumenta com a passagem para o capitalismo oligopolista transnacional (pós-1945), pois o avanço da mercantilização, burocratização e competição gera um crescimento das classes subalterna, burocrática e intelectual. Por outro lado, a política integracionista acaba diminuindo o ímpeto contestador do proletariado por algum tempo e a renovação hegemônica, novas ideologias, novas tecnologias, entre outros processos, acabam contendo o potencial revolucionário dentro do capitalismo, no caso dos países imperialistas.

O aumento relativo de renda, os avanços tecnológicos e medicinais, o crescimento do consumo (junto com a ideologia da “sociedade de consumo”), ampliação da destruição ambiental e competição social, intensificação dos desequilíbrios psíquicos<sup>2</sup>, entre outros, criam uma situação social marcada por um recuo do movimento operário e pela emergência de novas reivindicações e algumas divisões sociais acabam ganhando maior relevância e presença, gerando um fortalecimento de certos movimentos sociais. Assim, os movimentos sociais, baseados em divisão de grupos, que formam a sua base social, acabam complexificando e confundindo ainda mais as lutas de classes (VIANA, 2016). A juventude emerge como grupo social consolidado a partir dessa fase do

---

<sup>1</sup> Camponeses e artesãos são classes sociais de produtores de bens materiais que emergem com o capitalismo e são submetidos à dinâmica produtiva m-d-m (mercadoria-dinheiro-mercadoria). A classe semiburguesa, que alguns denominam “pequena burguesia”, um termo impreciso, já que não se trata de uma fração da burguesia, é aquela que compartilha com as duas anteriores o caráter de propriedade nominal, mas sua dinâmica é a capitalista, d-m-d, com a diferença em relação à burguesia pela dificuldade de acumulação de capital, pois os pequenos comerciantes e outros possuem uma taxa de lucro baixa e que é gasta em grande parte nas despesas com instalações, meios de produção, salários, por um lado, e com o consumo familiar, por outro, além da parte que é repassada para o capital bancário, sob a forma de pagamento de empréstimos, juros, etc. Esse último aspecto mostra sua semelhança com o campesinato e artesanato. Alguns semiburgueses conseguem, embora seja raro, se tornarem burgueses, outros conseguem se manter precariamente ou até mesmo razoavelmente, e muitos caem no proletariado ou na subalternidade e outros passam para a intelectualidade ou burocracia. Esse é o caso dos pequenos comerciantes que falem com a chegada dos *shopping centers*.

<sup>2</sup> Alguns autores anunciaram que o século 20 era o “século da ansiedade” (LINDGREN, 1965), e o uso de drogas, suicídio, entre outros processos, mostram que o desenvolvimento tecnológico e financeiro não é acompanhado pelo processo de humanização, gerando novas formas de sofrimento psíquico, o que, em parte, foi tematizado por Fromm (1986).

capitalismo e passa a cumprir um papel contestador cada vez mais forte com o desenvolvimento desse regime de acumulação, desde as lutas estilistas até as lutas mais radicais, tal como as lutas estudantis do final dos anos 1960<sup>3</sup>. A juventude, no entanto, não é uma classe social e sim um grupo social e, por conseguinte, é constituída por indivíduos de diversas classes e isso, aliado com outras determinações, geram distintas “conformidades geracionais” (VIANA, 2015a).

A presença de outros movimentos sociais, como feminino, negro, pacifista, ecológico, entre outros, todos policlassistas, acaba reforçando esse processo de confusão e complexificação no processo da luta de classes, o que se amplia ainda mais com a passagem para o regime de acumulação integral, não só porque surgiram novas reivindicações e grupos, como também pelas novas ideologias e renovação hegemônica que produz e cria um fortalecimento do “especificismo” (TARDIEU, 2015).

É nesse contexto que o conceito de luta de classes continua expressando a realidade, em seu caráter essencial. A classe capitalista continua sendo a classe dominante, dominando o aparato estatal (gerido por sua classe auxiliar, a burocracia, em sua fração estatal), a produção intelectual e informacional, e gerindo a acumulação de capital, processo de exploração, etc. O proletariado continua sendo a classe revolucionária e que traz em si o futuro, como colocou Marx (MARX e ENGELS, 1988). As demais classes (e os grupos sociais) giram, ainda, em torno dessas duas classes. No entanto, esse processo se tornou menos visível e mais complexo. A emergência e consolidação da burocracia como classe social, especialmente certas frações da burocracia civil, e a ideologia da representação que emerge com a democracia representativa (VIANA, 2003), geram uma nova força política que atrai parte do proletariado e demais classes desprivilegiadas. O proletariado, em períodos de estabilização, perde parte de sua radicalidade e ao lado da burocratização e mercantilização, acaba recuando em suas lutas. Ela não deixa de existir, continua sobrevivendo na forma de luta cotidiana, lutas espontâneas, explosões localizadas de

---

<sup>3</sup> As lutas juvenis assume várias formas (VIANA, 2015d), sendo que as lutas estilistas é uma das mais comuns e se caracteriza por adotar um estilo de vida que entra em contraste parcial com o modo de vida dominante. As lutas mais radicais são as lutas autônomas e autogestionárias, sendo esta última marcada por sua fusão com o movimento operário e quando assume um caráter revolucionário ao adotar um projeto autogestionário.

radicalidade, algumas vezes reforçadas por outros setores da sociedade (juventude, lumpemproletariado, grupos políticos, intelectuais, etc.).

É nesse contexto que é necessário entender que uma coisa são *as classes sociais determinadas pelas relações de produção dominantes* e outra coisa são *elas agindo de acordo como seus interesses de classe, especialmente os interesses fundamentais* (que são distintos dos interesses imediatos). Os interesses imediatos são os compartilhados pelos indivíduos das classes, tal como o interesse dos proletários em aumentos salariais, da burguesia em aumento de lucro, dos burocratas em aumento da burocratização e assim por diante. A luta pelos interesses imediatos é constante, mesmo porque eles são reforçados pela mentalidade burguesa, hegemonia, pressões sociais, etc. e, muitas vezes, estão intimamente ligados à própria sobrevivência (nesse caso, em setores das classes desprivilegiadas) ou manutenção de pertencimento de classe.

Os interesses fundamentais são aqueles que apontam para as necessidades coletivas de uma classe social em sua totalidade e em longo prazo. Assim, a classe capitalista tem como interesse fundamental a reprodução ampliada do capital, condição para a continuidade de sua existência; o proletariado tem interesse fundamental em abolir o capital e a si mesmo, superando sua situação de classe explorada; a burocracia tem interesse fundamental em burocratizar o conjunto da sociedade. Estes exemplos apenas mostram os interesses fundamentais de algumas classes. Porém, nem sempre as classes sociais defendem seus interesses fundamentais. Voltaremos a isto adiante.

Outros elementos complexificam essa situação, que são as subdivisões no interior de uma classe social e seus interesses específicos, bem como outras formas de divisão social. Isso, muitas vezes, gera diferenças, divisões políticas, conflitos, no interior de uma mesma classe social. Outro elemento é a consciência. Apesar de uma classe social possuir o mesmo modo de vida, interesses comuns (imediatos e fundamentais) e luta comum contra outras classes, o que gera costumes e representações também comuns (MARX e ENGELS, 1991), a sua consciência concreta não é homogênea. Ela possui elementos em comum, mas também manifestam diferenças, especialmente no âmbito político e social.

É nesse contexto que a distinção realizada por Marx entre classe em-si (determinada) e classe para-si (autodeterminada) é fundamental. A classe determinada é

aquela que reproduz a dinâmica gerada pelas relações de produção dominantes, pelo aparato estatal e, no capitalismo contemporâneo, pelo capital comunicacional, instituições, etc. Existe uma classe social que é, imediatamente, classe autodeterminada: a burguesia. Ela, por ser a classe dominante e por possuir uma “associação” que faz valer seus interesses de classe, o estado, é autodeterminada, defende seus interesses fundamentais via aparato estatal. Isso, no entanto, não quer dizer que ocorre com todos os indivíduos, frações, setores, da classe capitalista. Muitos indivíduos, setores, etc., podem ter interesses imediatos que entram em contradição com os interesses fundamentais da classe, além da questão da consciência acima aludida e outras determinações. No entanto, ela é a classe mais homogênea e que possui um aparato que defenda seus interesses fundamentais.

O proletariado, por sua vez, é uma classe determinada pelo capital (relações de produção dominantes) e por isso fica, geralmente, no nível dos interesses imediatos, submetidos à hegemonia e mentalidade burguesas, subdividido em diversas frações, setores, perpassado por diversas diferenças (culturais, políticas, etc.). A sua passagem para classe autodeterminada é resultado da luta de classes, quando esta ganha certa radicalidade. Esse processo já foi descrito por alguns autores (MARX, 1986a; JENSEN, 2014; VIANA, 2008). As demais classes ficam numa posição semelhante ao proletariado.

Assim, por detrás da vida cotidiana e seu emaranhado de conflitos, conciliações, competição, mudanças, é possível perceber a luta de classes, mesmo que os agentes diretamente envolvidos não percebam da mesma forma o que está ocorrendo. Marx já havia colocado isso ao tratar das lutas de classes na França durante o bonapartismo:

Os legitimistas e os orleanistas, como dissemos, formavam as duas grandes facções do partido da ordem. O que ligava estas facções aos seus pretendentes e as opunha uma à outra seriam apenas as flores-de-lis e a bandeira tricolor, a Casa dos Bourbons e a Casa dos Orléans, diferentes matizes do monarquismo? Sob os Bourbons governara a grande propriedade territorial, com seus padres e lacaios; sob os Orléans, a alta finança, a grande indústria, o alto comércio, ou seja, o capital, com seu séquito de advogados, professores e orados melífluos. A Monarquia Legitimista foi apenas a expressão política do domínio hereditário dos senhores de terra, como a Monarquia de Julho fora apenas a expressão política do usurpado domínio dos burgueses arrivistas. O que separava as duas facções, portanto, não era nenhuma questão de princípio, eram suas *condições materiais de existência*, duas diferentes espécies de propriedade, era o velho contraste entre a cidade e o campo, a rivalidade

entre o *capital* e o *latifúndio*. Que havia, ao mesmo tempo, velhas recordações, inimizades pessoais, temores e esperanças, preconceitos e ilusões, simpatias e antipatias, convicções, questões de fé e de princípio que as mantinham ligadas a uma ou a outra casa real – *quem o nega?* Sobre as diferentes *formas de propriedade*, sobre as condições sociais, *maneiras de pensar e concepções de vida distintas e peculiarmente constituídas*. A *classe inteira os cria e os forma sobre a base de suas condições materiais e das relações sociais correspondentes*. O indivíduo isolado, que as adquire através da *tradição* e da *educação*, poderá *imaginar* que constituem os motivos reais e o ponto de partida de sua conduta. Embora orleanistas e legitimistas, embora cada facção se esforçasse por convencer-se e convencer os outros de que o que as separava era sua lealdade às duas casas reais, os fatos provaram mais tarde que o que impedia a união de ambas era mais a *divergência de seus interesses*. E assim como na vida privada se diferencia o que um homem pensa e diz de si mesmo do que ele realmente é e faz, nas lutas históricas deve-se distinguir mais ainda as frases e as fantasias dos partidos de sua formação real e de seus *interesses reais*, o conceito que fazem de si do que são na realidade (MARX, 1986b, p. 45-46).

A análise magistral de Marx aqui é apenas uma aplicação da concepção materialista da história. O seu mérito, presente em qualquer análise dialética autêntica, consiste em superar a aparência e revelar por detrás dela a essência e o concreto com suas múltiplas determinações. Marx revela aqui, num plano mais histórico e concreto de análise, as múltiplas determinações sem nunca abandonar a determinação fundamental. Nesse processo, ele analisa as “duas facções do partido da ordem”. Ele chega até aos detalhes mais corriqueiros das lutas políticas, mostrando sua concreticidade e como a consciência, as concepções, as formas de pensar, etc., existem e se manifestam, mas não estão livres da determinação dos interesses de classes. Além disso, poderíamos elencar as correntes de opinião e diversos outros fenômenos contemporâneos que aumentam a complexidade da situação. As duas facções do partido da ordem são semelhantes ao que denominamos duas alas do bloco dominante, embora o vínculo das facções com classes sociais era muito mais visível, devido à época e suas especificidades.

Essa análise de Marx serve, principalmente, para conseguirmos entender o significado da luta de classes e como ela se manifesta concretamente. A partir dessa percepção podemos concluir que é necessário analisar o que é essencial (a luta de classes e os interesses envolvidos) e sua materialização concreta, com múltiplas determinações, que obliteram a consciência dos indivíduos e classes nesse processo. Isso, aliado à complexificação real das relações sociais concretas e confusão mental em torno das lutas de classes na sociedade contemporânea, reforça a necessidade de pensarmos não apenas

em termos de classes isoladas, mas também de suas relações, aproximações, distanciamentos, oposições e antagonismos. A compreensão desses processos pode ser realizada através do conceito de blocos sociais. Isso não significa abandonar a luta de classes, pois tais blocos são expressões desta luta em nível concreto. Isso significa ultrapassar a análise dicotômica e abstrata em apenas duas classes sociais, que tem o mérito de apontar para o essencial, mas tem o demérito de esquecer a complexidade da realidade e, ainda, permitir deformações de análise por reduzir os conflitos sociais a apenas dois polos em oposição, colocando lutas secundárias como fundamentais e, por conseguinte, lutas fundamentais como secundárias. Assim, o conceito de blocos sociais é fundamental para a análise mais ampla da política institucional (o que seria útil para cientistas políticos se ultrapassassem sua cegueira ideológica), das divergências no interior da classe dominante ou das classes privilegiadas, das conjunturas políticas e formas de amortecimento da luta entre classe capitalista e classe operária.

### **O que são blocos sociais?**

Os blocos sociais podem ser definidos por sua composição social, suas concepções, entre outras formas. Mas isso seria ilusório. Não existe uma relação direta e imediata entre blocos sociais e classes sociais, pois não são conceitos que podem ser sobrepostos um ao outro. Os blocos sociais reúnem classes que, por sua vez, podem estar dispersas em mais de um deles ou suas subdivisões. Por isso é importante entender o conceito de blocos sociais antes de tratar dos blocos e suas manifestações concretas.

Antes de iniciar, no entanto, é preciso deixar claro as semelhanças e diferenças entre a concepção aqui apresentada de blocos sociais e a ideologia gramsciana de “bloco histórico”. A razão disso é que, no meio da diferença, existem algumas semelhanças, principalmente no uso que alguns inspirados na ideologia gramsciana usam para analisar as lutas políticas. O construto gramsciano de “bloco histórico” é uma tentativa de expressar, simultaneamente, “base” e “superestrutura”, formando um bloco num determinado momento histórico. Apesar de tal concepção estabelecer um vínculo correto, pois as mudanças no interior de um determinado modo de produção certamente



afetam as formas sociais<sup>4</sup>, a noção de bloco histórico pode trazer mais confusão do que esclarecimento, especialmente na perspectiva politicista e culturalista gramsciana (VIANA, 2015b). A unidade e correspondência entre modo de produção e formas sociais já está em Marx, no âmbito de uma determinada sociedade (por exemplo, no modo de produção capitalista há unidade entre este e as formas sociais capitalistas) e as mutações no modo de produção, obviamente, também geram mudanças nas formas sociais.

O conceito de blocos sociais é distinto, já que não enfatiza a totalidade das formas sociais em sua correspondência com o modo de produção (muito menos da forma abstrata e equivocada apresentada por Gramsci). Os blocos sociais são determinadas formas assumidas por uma constelação de forças que expressam o interesse de uma ou outra classe social, girando em torno das duas classes sociais fundamentais. Porém, não se trata das classes sociais concretamente, muito menos de sua totalidade. Os blocos sociais são as formas mais organizadas e conscientes expressas pelas classes sociais que estabelecem estratégias, programas, ideologias, que direcionam suas ações de acordo com os seus interesses. Assim, os blocos sociais estão indissolúvelmente ligados às classes sociais, mas eles não são a mesma coisa. A diferença entre os conceitos de classe social e bloco social reside no fato de que o primeiro expressa a classe em sua totalidade e ação espontânea e o segundo expressa seus setores mais organizados e conscientes, bem como a classe é uma unidade e o bloco é a reunião de mais de uma classe (e contando com suas subdivisões), realizando uma coalizção de forças. É por isso que o termo é “bloco”, pois é a reunião de um conjunto de forças que expressam de forma organizada e consciente determinadas classes sociais.

Assim, o que comanda os blocos sociais são os interesses de classes (imediatos ou fundamentais, dependendo do caso, bem como do conjunto da classe ou de frações ou setores, tal como mostraremos a seguir, colocando a dispersão de forças de determinadas classes em mais de um bloco). Os blocos sociais são, portanto, as forças

---

<sup>4</sup> Entenda-se por formas sociais as formas sociais de regularização (VIANA, 2007), o que Marx (1983) denominou “formas jurídicas, políticas e ideológicas”, ou, metaforicamente, “superestrutura”. O tratamento crítico do uso do termo metafórico “superestrutura” se iniciou com Korsch (1983), sendo retomado de forma ambígua por Althusser (1986) e Canclini (1983) e, mais recentemente, reavaliado e substituído por formas de regularização das relações sociais ou simplesmente formas sociais (VIANA, 2015d).

mais ativas no desenvolvimento social, produzindo estratégias, ideologias, ações, programas, disputas e alianças, etc. A base social dos blocos sociais são as classes sociais, mas estas em suas divisões e subdivisões, na forma de classe determinada ou, raramente (com exceção da burguesia) autodeterminada, submetidos à hegemonia, competição, lutas.

Os blocos sociais não são homogêneos, pois como são compostos por classes e frações de classes, com suas subdivisões e interesses próprios, eles geram uma diversidade de organizações (muitas vezes complementares, aliadas ou desalinhadas) e concepções (ideologias, doutrinas, etc., muitas vezes próximas, mas com diferenças e ênfases distintas). Essas organizações são as mais variadas, tais como fundações, partidos políticos, grupos políticos, setores organizados dos movimentos sociais, empresas, associações, etc. As concepções também são de várias formas, desde as ideologias mais sistemáticas, passando por doutrinas políticas, representações cotidianas fundadas em determinada mentalidade, bem como, momentaneamente, expressando determinada corrente de opinião.

Essas distinções no interior dos blocos sociais não devem, no entanto, ser superestimadas. O bloco social, no fundo, expressa uma única hegemonia de classe e por isso possui uma unidade no que se refere ao que é fundamental para a classe que expressam. Ele, especialmente quando se vê ameaçado ou seus interesses comprometidos, se unifica. Essa divisão ocorre no interior de uma unidade, ou seja, no aspecto geral e fundamental, há concordância. A discordância ocorre nos detalhes, estratégias, táticas, interesses particulares no interior dos interesses de classes que apontam para a reprodução ou transformação da sociedade. Essas distinções podem ser denominadas alas e cada bloco social tem mais de uma ala, embora uma seja sempre hegemônica. A existência e dinâmica dessas alas são comandadas pela luta de classes e suas derivações: interesses, formas de consciência, processos psíquicos coletivos, disputas políticas, partidos políticos, etc., de acordo com a dinâmica do modo de produção, especialmente os regimes de acumulação e conjunturas políticas.

As alas dos blocos sociais podem aumentar ou diminuir em quantidade, dependendo do contexto, bem como podem promover aproximações ou distanciamentos, intensificar ou reduzir competição e conflitos. A luta de classes, a

dinâmica do regime de acumulação, as conjunturas, entre outros processos, acabam interferindo na formação e ação das alas dos blocos sociais e nos interesses específicos internos tanto dos blocos sociais quando de suas alas, gerando maior ou menor oposição.

Um elemento que deve ser esclarecido é que a dinâmica dos blocos sociais e de suas alas internas varia de acordo com o bloco social específico do qual se trata. Cada bloco social aglutina determinados interesses, partidos, organizações, ideologias, concepções e eles são distintos, sendo expressão de distintas classes sociais. Por isso existe oposição ou antagonismo entre os blocos sociais. Da mesma forma, no interior de cada bloco social, também existem esses processos, que geram, internamente, oposição, competição, mas nunca antagonismo, já que o interesse geral é o mesmo, especialmente o fundamental, que é a reprodução do capitalismo (no caso do bloco dominante e do bloco reformista, tal como mostraremos adiante) ou abolição do mesmo (no caso do bloco revolucionário). A dinâmica interna das alas também é distinta, pois não somente a base social, as formas organizacionais e de consciência, bem como interesses imediatos e específicos, entre outros processos, são distintos. Isso é o que pode ser colocado num nível mais elevado de abstração. A análise concreta dos blocos sociais permite ir além e especificar melhor sua dinâmica e subdivisões.

Em síntese, os blocos sociais são expressões de classes e frações de classes que se unem através de suas forças organizadas e formas de consciência, gerando novos interesses e processos de luta, o que complexifica a luta de classes, inclusive pela confusão, muitas vezes estabelecida (e algumas até intencionalmente) pelos representantes intelectuais do bloco dominante ou do bloco reformista, no sentido de desviar a luta de classes da questão fundamental, o modo de produção capitalista, para a política institucional, questões morais, disputas partidárias, etc.

Isso quer dizer que a análise marxista dos blocos sociais mostra o que a autoilusão deles expressam, mas deixando claro e transparente o que é ilusório e autoilusão e o que é real, ou seja, qual seu significado para a luta de classes, sua função de reprodução ou transformação. Assim, além da intransparência gerada pela diversidade de ideologias, formas de consciência com conteúdos distintos, partidos, forças organizadas, posições políticas, etc., a análise marxista objetiva deixar transparente o jogo e suas regras. A análise marxista visa, portanto, mostrar que faz parte do jogo e suas

regras iludir o proletariado e as demais classes desprivilegiadas para que participe dele e se envolva nesse processo abandonando seus interesses de classe, especialmente o fundamental, a sua autoemancipação, e vire bucha de canhão das classes privilegiadas. A inclusão do proletariado nesse jogo e em suas regras, seja a política institucional, seja a luta pelo poder estatal ou qualquer outro elemento, significa a sua manutenção como classe determinada, envolvida na dinâmica capitalista. A única vantagem, dependendo do contexto, é quando existe a possibilidade de, no processo de luta, ultrapassar os limites impostos pelo jogo e suas regras, o que pode ocorrer dependendo do contexto e do que está em jogo.

Os blocos sociais são fundamentalmente três. Um bloco gira em torno da classe dominante, sendo o bloco dominante e o outro gira em torno do proletariado, sendo o bloco revolucionário. Entre ambos, aparece um terceiro bloco, composto por frações de classes que buscam se autonomizar, especialmente a burocracia. A força desses três blocos e suas dinâmicas são diferentes e se alteram com o desenvolvimento da luta de classes. Por isso é interessante abordar cada um desses blocos de forma separada e depois analisar suas relações no espaço concreto das lutas de classes.

### **O Bloco Dominante**

A classe dominante, por seu poder financeiro, controle da acumulação de capital, controle do capital comunicacional, além do domínio sobre o aparato estatal, é a força central no bloco dominante<sup>5</sup> e que o coordena e estabelece seus objetivos, a partir dos seus interesses. A classe capitalista não é homogênea e por isso persegue os mesmos interesses fundamentais e gerais, a reprodução do capitalismo, ao lado de interesses particulares e imediatos, gerando diferenciações no seu interior. Em cada regime de acumulação, uma determinada estratégia de classe<sup>6</sup> no sentido de conservação do capitalismo se torna hegemônica no interior da classe dominante. O bloco dominante se

---

<sup>5</sup> Não teremos espaço para analisar a diferença entre o conceito de bloco dominante aqui trabalhado com a noção de “bloco no poder” de Poulantzas (1977), o que ficará para outra oportunidade.

<sup>6</sup> Henri Lefebvre (2016), de forma abstrata e ambígua, percebeu a existência das estratégias de classe e estabeleceu a modernidade como última estratégia da burguesia. No fundo, Lefebvre percebe o processo apenas superficialmente, em parte devido sua formação filosófica que obscurece sua percepção sociológica, o que é reforçado por sua interpretação filosófica e sociológica de Marx, na qual muitas vezes se revela uma leitura superficial.

constitui a partir de determinado regime de acumulação<sup>7</sup>, ou, o que significa dizer o mesmo com outras palavras, uma certa forma cristalizada de luta de classes. Em cada regime de acumulação emerge uma estratégia de classe da burguesia que é duradoura e o bloco dominante, mesmo que mude seus representantes individuais, grupos, partidos, frações de classes, etc., segue a linha estratégica adotada. É por isso que mesmo partidos do bloco progressista, quando conquistam o aparato governamental, reproduzem as políticas impostas pela estratégia da classe dominante adequada a determinado regime de acumulação.

A burguesia emergente fez aliança de classes com a nobreza, mas tão logo se viu forte o suficiente, graças ao apoio do proletariado e do campesinato, derrubou esta e se tornou a única classe dominante. Mas para manter sua dominação, ela teve que apelar para o apoio de suas classes auxiliares, especialmente a burocracia e a intelectualidade. Não deixa de ser revelador que a proliferação da burocracia civil e consolidação da classe intelectual ocorrem após as revoluções burguesas. A burocracia estatal sempre esteve a serviço da burguesia. A sua posição privilegiada, seu *status*, altos salários, entre outros aspectos, mostram a fração da classe burocrática mais forte, estável e bem remunerada. Cabe à burocracia estatal comandar o aparato estatal e, por conseguinte, a função de reprodução do capitalismo. A burocracia empresarial, por sua posição social e proximidade com a classe capitalista, também é outra fração de classe que se aglutina no bloco dominante e tem papel importante no seu interior.

O bloco dominante conta, desde então, com a burguesia e com a burocracia estatal como uma classe e uma fração de classe sempre presentes nesse bloco. Ao seu lado, os estratos superiores da classe intelectual<sup>8</sup> e da burocracia (especialmente estatal,

---

<sup>7</sup> Abordamos os regimes de acumulação de forma mais desenvolvida em duas obras (VIANA, 2009; VIANA, 2015d).

<sup>8</sup> Aqui não se trata de uma fração inteira, como no caso da burocracia estatal, mas uma subdivisão no interior das classes sociais distinta das frações. O critério dessa distinção, que tem alguns efeitos sociais, é o grau de privilégio revelado no *status*, renda e poder. Por conseguinte, intelectuais medíocres por possuírem maior renda, *status* e poder, estão no seu estrato superior. Isso quer dizer que o termo “estrato superior”, não diz respeito às frações de classes e nem sua competência real, ou formação intelectual, mas tão somente a critérios valorados pela sociedade burguesa e que trazem satisfação aos indivíduos que se encontram nessa condição, o que serve para conseguir sua fidelidade. O mesmo vale para a burocracia, pois seus estratos superiores são aqueles que possuem maior *status*, renda e, principalmente, poder, ou seja, estão acima na hierarquia burocrática, nas maiores organizações burocráticas (grandes instituições, partidos, empresas, etc.).

empresarial, eclesiástica), em certos momentos e contextos históricos, a classe latifundiária. Essa é sua base social principal. Essa base social é reforçada pela adesão de indivíduos e setores de outras classes sociais, que é, no entanto, mais frágil e determinada mais por reprodução da mentalidade e hegemonia burguesas, corrente predominante de opinião, ilusões e falsas esperanças, políticas estatais específicas, vantagens momentâneas, etc. Essa parte é mais frágil e pode mudar de lado com maior facilidade.

O bloco dominante visa garantir a reprodução do capitalismo e para isso cria uma ou mais estratégias de classe que supostamente realizam essa ambição. A estratégia vencedora é aquela que se adequa mais às necessidades e tarefas existentes num determinado regime de acumulação. A estratégia integracionista se adequava ao regime de acumulação conjugado, ou seja, o estado integracionista, intervencionista no plano da produção e reprodução do capital, nas relações de produção e relações de distribuição, bem como junto à população com suas políticas de assistência social e outras políticas estatais, e assim forjou uma dominação duradoura e que parecia insuperável. Da mesma forma, a estratégia liberal-democrática do regime de acumulação anterior, o intensivo, também ofereceu essa aparência.

Essa estratégia, fundada em necessidades e tarefas voltadas para garantir a reprodução ampliada do capital, se materializa em ideologias, doutrinas, concepções, políticas estatais. A burguesia tem um papel fundamental nesse processo através das empresas e fundações. A elaboração da estratégia capitalista nasce e se torna hegemônica graças às empresas capitalistas que financiam pesquisas, imprensa, etc., graças ao capital educacional (indo do ensino superior, de onde brotam algumas ideologias e concepções, ao inferior, onde elas são reproduzidas, divulgadas, vulgarizadas, etc.), ao capital comunicacional (que incentiva e reproduz, divulga, vulgariza, etc., determinadas ideologias, concepções, etc.), ao aparato estatal, com os seus aparatos particulares (educacional e comunicacional, que executam o mesmo processo que suas versões privadas), fundações internacionais e nacionais, os partidos políticos (que realizam produção e reprodução cultural, bem como promovem vulgarização e divulgação das mesmas) entre inúmeras outras instituições.

Assim, o capital cria todas as condições para a vitória e supremacia de uma determinada hegemonia. O bloco dominante executa esse processo através da classe capitalista, do aparato estatal, partidos políticos, das empresas e instituições. Assim, a cada regime de acumulação temos uma hegemonia e com a alteração do regime de acumulação, temos uma renovação hegemônica (VIANA, 2015c). Mas quem cria as ideologias, doutrinas, correntes predominantes de opinião, etc.? Indivíduos reais de carne e osso, como não poderiam deixar de ser. Sem dúvida, alguns indivíduos burgueses participam nessa elaboração, bem como alguns burocratas, mas os grandes mentores intelectuais são justamente os representantes intelectuais/ideológicos da burguesia. Estes estão espalhados pela sociedade, alguns trabalhando para empresas capitalistas privadas, outros para o capital comunicacional ou instituições educacionais (privadas ou estatais), como também para o aparato estatal. Esses ideólogos geram a estratégia, a base intelectual do bloco dominante. Alguns o fazem sob a forma mais técnica, no plano do como fazer. Outros a reforçam com justificativas filosóficas, abstratas, ideologias mais amplas e sistematizadas. Há também aqueles que divulgam e vulgarizam, gerando representações cotidianas, chavões e correntes de opinião. Eles passam a ser hegemônicos nas esferas sociais<sup>9</sup> e através delas acabam se reproduzindo e se espalhando, influenciando até os intelectuais que se são próximos dos demais blocos sociais.

Assim, tanto as bases sociais quanto intelectuais do bloco dominante lutam pela reprodução do capitalismo. No entanto, isso não significa homogeneidade. Existem, no interior do bloco dominante, diferentes interesses, concepções, ideologias, etc. O primeiro ponto é que, ao lado do interesse geral e fundamental da reprodução do capitalismo, existem interesses imediatos e específicos de classes sociais, frações de classes, partidos políticos, grupos sociais, bem como distintas ideologias, concepções, representações. Assim, a solução para uma crise do regime de acumulação ou proposta de uma nova hegemonia, podem ser marcadas por divergências, da mesma forma que pode haver oposição em relação à hegemonia estabelecida. Isso fica mais forte ainda na

---

<sup>9</sup> A análise da dinâmica das esferas sociais e da classe intelectual mostra um processo de competição e hierarquia que, ao contrário do que certas ideologias colocam, não são “neutras” e sim intimamente ligadas aos interesses dominantes (cf. VIANA, 2015e).

disputa pelo poder estatal, nos regimes democrático-burgueses, nos quais determinadas forças no interior do bloco dominante lutam pelo domínio do aparato estatal. É por isso que é durante os processos eleitorais que essas divergências ficam mais explícitas.

Essas divisões geram alas distintas dentro do bloco dominante. O número de alas e a intensidade da oposição e conflito variam com a situação concreta, ou seja, com diversas determinações. As duas alas principais no bloco dominante tendem a ser a ala governista e a oposicionista<sup>10</sup>, que podem ser identificadas mais facilmente durante o processo eleitoral, nos dois grandes partidos ou coalizões partidárias. Isso, no entanto, pode ser complexificado se o bloco reformista tiver condições de polarizar com um dos partidos ou coalizões partidárias na disputa eleitoral principal (presidência, especialmente). Mas é possível existirem outras alas dependendo da situação concreta e pelo menos mais uma é bastante comum, apesar de sua visível fraqueza em épocas de estabilidade política e financeira. Trata-se da ala extremista, composta por forças nacionalistas, fascistas, neonazistas, entre outras.

A oposição entre ala governista e oposicionista mostra uma disputa pelo poder que pode ou não estar acompanhada por diferente estratégia de classe. Geralmente a estratégia de classe expressa numa determinada hegemonia tende a ser quase consensual no bloco dominante, com exceção da ala extremista, embora essa só ganhe real possibilidade de contrapor sua estratégia em períodos de crise. As disputas eleitorais nos Estados Unidos, entre democratas e republicanos é um exemplo de duas alas do bloco dominante disputando o poder, assim como em diversos outros países.

A dinâmica do regime de acumulação e da luta de classes é uma das principais determinações do processo de divisão e unificação do bloco dominante, bem como os interesses e competição interna por poder, além das diferenciações de projetos e

---

<sup>10</sup> É preciso deixar claro que há setores da classe dominante que são chaves no processo de definição de qual é a ala governista e qual é a oposicionista. Em cada caso concreto, de cada país, isso pode se alterar. Quando a classe dominante está dividida ou há um equilíbrio de forças entre as duas alas principais, então a situação de uma ala como governista e de outra como oposicionista é mutável e o revezamento pode ser constante. Em certos casos, nos quais a força principal da classe dominante tem um lado fixo, então a ala governista tende a ser estável e somente em situações específicas abandona o governo. Também existem casos em que os setores decisivos da classe dominante podem mudar de lado com relativa facilidade. Isso pode ocorrer por apoiarem determinadas coalizões partidárias ou partidos de acordo com as suas políticas, adversários e outros elementos variáveis.



ideologias, especificidades nacionais, etc. Em momentos de formação de um regime de acumulação, geralmente após um período de crise do anterior, a tendência é uma unificação (mesmo com diferenciações em elementos secundários), bem como em sua época de consolidação. Isto quer dizer que durante o ciclo de formação e o ciclo de consolidação de um regime de acumulação há em nível geral uma unificação, o que não significa não haver oposição, disputa pelo poder, e sim que a hegemonia é forte e que o caráter da disputa é por posições e pelas forças que querem as vantagens do poder estatal. Claro que isso, dependendo da intensificação da oposição e divisão da classe dominante em apoio às alas, pode gerar uma situação inesperada e acelerar a própria crise do regime de acumulação. Em períodos dos ciclos de dissolução, a situação muda, pois as divergências internas se aprofundam, os interesses particulares e disputa pelo poder estatal podem gerar unificação ou polarização (dependendo da situação concreta), bem como diferentes soluções para a crise e estratégias são apresentadas, tornando a disputa mais acirrada, e, ao mesmo tempo, desviando as classes desprivilegiadas da percepção da real determinação da crise e das verdadeiras soluções possíveis. Isso pode, no entanto, não ocorrer se houver uma forte presença da luta operária, pois nesse caso a tendência é para a unificação.

Em síntese, o bloco dominante é comandado pela classe dominante e tem como principal força auxiliar a burocracia estatal, que dirige o aparato estatal. O seu objetivo é, simultaneamente, a reprodução do capitalismo e dos interesses do bloco, que podem ser e geralmente são conflitantes em aspectos secundários, pois todos os seus componentes preferem a estabilidade política e financeira, o amortecimento da luta de classes, a reprodução ampliada do capital, entre outros elementos. As alas do bloco dominante geralmente disputam coisas secundárias, mas que nem por isso deixam de existir e comprometer a própria estabilidade que buscam manter. A classe dominante é dividida por frações e estas nem sempre possuem os mesmos interesses e a mesma percepção da realidade. O capital financeiro, por exemplo, pode preferir determinadas políticas estatais que lhe beneficia e outra fração do capital, como a comercial, pode preferir outras políticas financeiras. A burocracia estatal também não é homogênea e se diferencia entre burocracia governamental e burocracia estatutária, além de suas subdivisões. O mesmo ocorre com outras classes, frações de classes, grupos, indivíduos, que compõem o bloco

dominante. No entanto, no final das contas, esse bloco se unifica em torno da estratégia da classe dominante e, caso setores se recusem a isso no interior de lutas de classes radicalizadas, podem ser descartados, que é quando emergem os regimes ditatoriais.

### **O Bloco Progressista (Reformista)**

A divisão de classes da sociedade capitalista faz emergir, além das classes sociais fundamentais, diversas outras classes. Entre estas, se destacam a burocracia e a intelectualidade, que são classes auxiliares da burguesia. O caráter auxiliar dessas classes se revela na função que elas executam na sociedade capitalista, derivado da divisão social do trabalho, e nos privilégios que seus estratos superiores possuem para realizar esse processo. A burocracia exerce a função do controle social e a classe intelectual da produção cultural. Enquanto classes auxiliares da burguesia, sua autonomia é muito restrita. Os seus estratos superiores se aquartelam no bloco dominante. No entanto, seus estratos médios e inferiores<sup>11</sup> se aglutinam em torno de um outro bloco, o progressista ou reformista. Esses estratos acabam tornando-se insatisfeitos com sua situação social e por isso esboçam uma autonomização, dentro dos limites permitidos pela situação de uma classe auxiliar, gerando uma posição política que não se alinha totalmente com o bloco dominante.

Uma parte do bloco progressista se aproxima mais do bloco dominante, outra tenta se aproximar mais das classes desprivilegiadas (e não do bloco revolucionário, a não ser em casos pontuais, como colocaremos adiante). A classe mais forte no seu interior é a burocracia. A burocracia civil é seu elemento mais forte e aglutina diversas frações da classe burocrática no seu interior, as burocracias partidárias, sindicais, universitárias, etc. A classe intelectual é sua segunda maior força, aglutinando intelectuais dissidentes, ambíguos, ou seja, aqueles que estão fora do circuito hegemônico e venal, que geralmente apoiam o bloco dominante. No entanto, alguns indivíduos e setores da

---

<sup>11</sup> Essa distinção, tal como já alertado, não expressam frações de classes, que são subdivisões da divisão social do trabalho, mas apenas elementos de distinção social gerados pelo capitalismo, especialmente *status*, renda e poder. Ou seja, o que alguns ideólogos da estratificação social colocam como sendo “classe”, aqui é apenas um elemento que revela uma distinção superficial, mas que envolve valores, posições, interesses, e por isso tem um papel explicativo no conjunto das relações sociais.

burocracia (nestas frações específicas), devido sua função de controle social e valores, se unem ao bloco dominante. É o caso de parte da burocracia sindical atrelada aos partidos que formam a coalização do bloco dominante, ou uma delas. A burocracia é mais conservadora que a intelectualidade e por isso, um número considerável de intelectuais hegemônicos e venais, por sua função de produção cultural, se aglutinam em torno do bloco progressista.

O bloco progressista também atrai setores da juventude, das classes desprivilegiadas e até mesmo alguns poucos da classe capitalista, entre outras possibilidades. No entanto, esses setores são apenas base de apoio e raramente conseguem um espaço de real influência. Essa é a sua base social e é por isso que é um bloco bem mais frágil e nem sequer possui uma estratégia de classe homogênea, pois suas divisões e fraqueza dificultam sua formulação. A sua produção cultural não tem a mesma força que a do bloco dominante, pois lhe faltam os recursos financeiros, espaços institucionais, meios de divulgação, etc. A sua ambiguidade no interior da luta de classes também é outro ponto fraco. Marx conseguiu notar um elemento ideológico que viria a ser comum no bloco progressista ao analisar a economia política inglesa. Em sua análise, ele mostra que a força da luta proletária fez com que alguns economistas buscassem unir os interesses capitalistas e proletários. Assim, o bloco progressista quer ser o mediador entre as classes antagônicas.

De sua fraqueza, também emerge sua necessidade de apoio popular para chegar ao poder estatal, seu objetivo máximo. Assim, em nível mais geral, a sua estratégia de classe é apelar para o proletariado, para as classes desprivilegiadas, geralmente usando terminologia específica, como “povo”, “massas”, entre outros, visando se fortalecer, eleitoralmente ou como base de apoio, para conquistar o poder estatal. Dessa estratégia geral, emerge duas formas específicas de concretizar, adotadas por suas alas, ou seja, suas divisões internas. Assim, aparentemente o bloco progressista tem uma base popular, mas a sua direção pertence à burocracia e, em menor grau, à intelectualidade (e os indivíduos dessa muitas vezes passam para a burocracia e isso ocorre com relativa facilidade, quando são mais ativistas). Essa aparência tem um elemento real, pois parte da população e das classes desprivilegiadas realmente apoiam tal bloco, seja em processos eleitorais ou outras formas de ação política, embora em número reduzido, o que varia

com as conjunturas políticas, processos sociais em geral, tendo épocas nas quais isso se torna mais amplo. Outro elemento que deve ser considerado é que a classe de origem de muitos burocratas e intelectuais é o proletariado ou demais classes desprivilegiadas.

No entanto, é necessário alertar que não se trata da totalidade dessas classes, frações de classes, etc. O bloco progressista existe graças aos elementos organizados e conscientes da burocracia e outras classes, frações, grupos, etc. Alguns membros da burocracia, intelectualidade, etc., não se aglutinam em nenhum bloco social, apenas se reproduzem em sua profissão e vida cotidiana, algumas vezes assumindo posição em períodos eleitorais ou nem mesmo nesses casos. A sua estruturação como bloco também é mais frágil e ocorre no âmbito dos seus setores mais organizados, conscientes e ativos, especialmente nas burocracias partidárias e nos meios intelectuais geralmente, mas nem sempre, associados a elas. A sua expressão mais forte e característica é geralmente o partido social-democrata mais estruturado, burocratizado, eleitoralmente mais relevante e mais popular. Outros menores giram em torno dele, surgem a partir dele como dissidência (geralmente por questões táticas e secundárias, no plano do discurso, embora o real motivo seja, na maioria dos casos, a falta de oportunidade no interior do partido que se julga conseguir formando outra organização partidária).

Outras organizações burocráticas, como igrejas, universidades, organizações civis, etc., também fornecem elementos de ideologia, doutrinas, apoio. A intelectualidade tem uma parte ativa no interior do bloco progressista e outra que apoia, reforçando sua influência social, especialmente sobre as classes desprivilegiadas. Em determinadas situações, quando consegue polarizar com o bloco dominante, reforça sua unidade e capacidade de disputa real pelo poder estatal. Uma vez conseguindo concretizar a conquista eleitoral e se tornar a burocracia governamental, desloca todo um setor do bloco progressista (o partido principal e os aglutinados em sua coalização partidária, além de vários setores da sociedade e os setores cooptados a partir das políticas estatais, os iludidos, etc.). Nesse momento, o bloco progressista se enfraquece drasticamente e o setor que ascendeu ao poder estatal se torna mais conservador e passa a efetivar as políticas estatais determinadas pelo bloco dominante, pois reproduzem as necessidades da acumulação de capital.

A base intelectual do bloco progressista é constituída por determinadas ideologias, doutrinas, concepções, mais permanentes (social-democracia, bolchevismo, etc.), que formam a sua estratégia, e táticas mais conjunturais produzidas por seus burocratas e ideólogos. Um elemento permanente na ideologia do bloco progressista é justamente a ideia do progresso ou das reformas. A ideia de progresso aponta para uma concepção evolucionista e ligada à ideologia burguesa. Kautsky, um dos principais ideólogos da social-democracia, recuperava Darwin e a ideia de evolução (KAUTSKY, 1975). Bernstein pregava um “socialismo evolucionário” (BERNSTEIN, 1997). Ou seja, mesmo aqueles que no interior do bloco progressista colocam o “socialismo” como objetivo, o fazem a partir da ideia de progresso. O que denominam “socialismo” é, na verdade, um capitalismo reformado.

No entanto, também não existe uma unidade ou homogeneidade no bloco progressista. No seu interior se encontra forças extremamente moderadas, como se pode ver nos partidos trabalhistas, humanistas, verdes, bem como diversas versões, mais ou menos moderadas (e quanto maiores os partidos, maior é seu conservadorismo) da social-democracia, alguns partidos “comunistas” moderados, até chegar aos mais contestadores, especialmente os partidos “comunistas” de tendência trotskista ou maoísta. Nesse sentido, é possível identificar duas alas principais no bloco progressista: a ala moderada e ala extremista.

A ala moderada é a mais forte e a que tem maiores condições de polarizar, em certos contextos históricos, com o bloco dominante, inclusive, nesses momentos, aglutina quase todo o bloco progressista, até mesmo parte da ala extremista. Ela possui mais recursos financeiros, acesso a cargos nos governos (inicialmente municipais, indo para escalões superiores com o crescimento partidário e eleitoral), e sua base social se encontra mais nos estratos médios da burocracia e intelectualidade, embora também aglutine alguns indivíduos e setores dos estratos superiores e inferiores. Os partidos mais fortes e principais sindicatos e centrais sindicais são seus pilares principais, além das instituições estatais e civis nas quais se aquartelam.

A sua ideologia principal é a social-democracia, também conhecida como “revisionismo” ou “reformismo”. A sua estratégia tem variações, mas o elemento central é realizar conquistas eleitorais paulatinas até chegar a ganhar a eleição principal,

tornando-se burocracia governamental. Em seus discursos, isso seria um meio para conseguir grandes reformas sociais e alguns até colocam isso como etapas para se chegar ao “socialismo”. No entanto, o objetivo real é a conquista do poder estatal e as reformas são apenas para se justificar, legitimar, conseguir apoio (popular e dos setores mais reformistas ou extremistas). As obras de Kautsky, Bernstein, Gramsci, Stálin, bem como versões moderadas de Lênin, Trotsky e outros são algumas de suas bases ideológicas mais antigas e permanentes, geralmente complementado por ideólogos mais recentes e por um pragmatismo mais forte. Alguns setores, inclusive, negam as ideologias (ou as deformam para seus propósitos) e pregam o ativismo e praticismo, bastante úteis para suas pretensões e manipulação das classes desprivilegiadas.

A ala extremista do bloco progressista é mais radical discursivamente. Ainda mantém o discurso em torno do “socialismo” ou “comunismo”. Uma parte dela vive buscando aliança com a ala moderada, alguns setores, inclusive, vegetam no interior de partidos social-democratas. A sua base social é composta geralmente pelos estratos inferiores da burocracia e intelectualidade. A burocracia partidária de pequenos partidos ou grupos políticos aspirantes a se tornarem partidos, a burocracia de sindicatos menores, além de setores de outras burocracias em seus estratos inferiores. Esse é o mesmo caso dos intelectuais que se aglutinam na ala extremista, são geralmente os mais jovens, iniciantes e marginalizados, bem como seus estratos inferiores.

A sua base ideológica principal é o leninismo (bolchevismo) em suas diversas variantes. Ela tem um apelo populista mais expressivo que a social-democracia e, ao mesmo tempo, reproduz o progressismo que está em sua base. Lênin e o leninismo são herdeiros da social-democracia e compartilharam com ela a maior parte de duas concepções (BARROT, 2014). A ideia de vanguarda, de conquista do poder estatal, etc. Certas tendências leninistas (especialmente os stalinistas) não se diferenciam da social-democracia a não ser no plano discursivo e por referências intelectuais e ao “socialismo”, algo para um futuro muito distante. O seu progressismo pode ser exemplificado na frase de Lênin: “O único socialismo que podemos imaginar é aquele baseado em todas as lições aprendidas através da cultura capitalista em larga escala” (LÊNIN, 1988a), ou, de forma mais enfática e reveladora, “O socialismo é inconcebível sem a grande técnica capitalista baseada na última palavra da ciência moderna, (é inconcebível) sem uma organização

planificada do Estado que subordine dezenas de milhões de pessoas ao mais estrito cumprimento de normas únicas de produção e distribuição” (LÊNIN, 1988b).

A superavaliação da ciência tem um papel estratégico na ideologia leninista, pois é a justificativa e legitimação da ideologia da vanguarda e da necessidade de burocracia e direção, sem progresso capitalista. Ao lado dele, há o fetichismo das forças produtivas e da tecnologia, bem como da técnica. O etapismo acusado no stalinismo e na Terceira Internacional é apenas uma continuação dessa ideologia progressista. A própria concepção de socialismo e comunismo (nessa ideologia, duas coisas diferentes e etapas do progresso social) não ultrapassa a forma de um capitalismo reformado.

Em síntese, o bloco progressista é composto por aquelas tendências, incluindo sua ala extremista e pseudomarxista<sup>12</sup>, realiza o culto do novo, do progresso capitalista, aliado com discursos sobre as classes desprivilegiadas, os trabalhadores, reformas sociais, distribuição de renda e coisa semelhantes. Daí sua atratividade para burocratas (valoração da direção, da burocracia), intelectuais (valoração da ciência, da técnica), dos jovens (valoração do novo e do progresso, da inovação), classes desprivilegiadas (discurso populista de distribuição de renda, combate a desigualdades, “socialismo”, “comunismo”).

### **O Bloco Revolucionário**

O bloco revolucionário é o mais frágil dos blocos sociais. A razão disso se encontra em sua base social: o proletariado e as classes desprivilegiadas, setores da juventude, setores radicalizados de alguns grupos sociais (geralmente compostos por indivíduos das classes desprivilegiadas), uma minoria da intelectualidade, alguns poucos indivíduos oriundos das classes privilegiadas. Obviamente que não se trata do

---

<sup>12</sup> Lefebvre, como sempre superficialmente e sem compreender as bases sociais e profundidade do problema, percebeu relativamente isso: “o marxismo institucional traz ainda uma resposta estereotipada para todos os problemas: otimismo incondicionado, fé no futuro” (LEFEBVRE, 1969, p. 39). O leninismo, em todas as suas variantes, nunca conseguiu ultrapassar o horizonte capitalista, o novo e o futuro é sempre uma continuidade progressista do capitalismo e nunca uma ruptura total e radical, nunca uma nova sociedade, sempre é a atual reformada.

proletariado em sua totalidade, mas sim aqueles indivíduos ou setores do proletariado mais conscientes e organizados, embora em certos momentos históricos aumentem drasticamente sua quantidade até abarcar a maior da classe. O aumento quantitativo também ocorre nos outros quando isso acontece. O bloco revolucionário é expressão do proletariado e da hegemonia proletária, mas como essa classe revolucionária só passa de classe determinada pelo capital para classe autodeterminada no processo de luta, e quando este atinge certa radicalidade, então ele se funde com a classe revolucionária no desencadeamento de uma revolução proletária.

São raros os indivíduos oriundos da classe capitalista e da classe burocrática que se aglutinam no seu interior. Isso se deve, obviamente, aos interesses de classes delas que são, simultaneamente, os interesses pessoais dos seus integrantes. Além disso, o antagonismo do bloco revolucionário com a classe capitalista e com a burocracia, embora apenas uma parte dele tenha isto claramente consciente, reforça a recusa de sua presença nos mesmos. Indivíduos da classe intelectual, embora encontrem problemas semelhantes sob forma menos intensa, e certos setores não criarem obstáculos nesse caso, possuem maior presença, embora alguns colaborem à distância, apenas na produção intelectual sem uma ação política coletiva.

A força principal do bloco revolucionário é oriunda de alguns intelectuais, setores da juventude e setores das classes desprivilegiadas que se organizam em grupos políticos (marxistas, anarquistas, etc.), formais ou informais, em ações esporádicas ou produção cultural. Assim, além de grupos revolucionários propriamente ditos, tendências revolucionárias no interior de movimentos sociais, grupos artísticos, círculos intelectuais, entre outros, compõem o bloco revolucionário. Contudo, a sua força organizativa possui restrições que os outros blocos não possuem. O primeiro são os recursos financeiros escassos, geralmente a autossustentação financeira, o que é reforçado pela recusa em parte deles pela percepção que o processo de mercantilização pode gerar corrupção e abandono do caráter de classe proletário. O segundo ponto é um ponto forte e fraco ao mesmo tempo: a recusa da burocracia. Tal recusa permite dificultar ou impedir a burocratização, mas, ao mesmo tempo, diminui a eficácia política das organizações, pois ficam muitas vezes dispersa, sem maior organização, articulação e estratégia. A terceira é a dificuldade pessoal da maior parte dos indivíduos, pois necessitam sobreviver e buscar



os meios para tal, como o trabalho, o que retira tempo e melhores condições de ação. A quarta é a formação política e intelectual geralmente precária, devido ao pertencimento de classe da grande maioria e a falta ou dificuldade de acesso ao saber teórico e outras formas de consciência, mais ainda sob forma aprofundada. Essa debilidade teórica e formativa acaba tendo um efeito negativo poderoso no interior do bloco revolucionário.

A sua base intelectual mais estruturada e desenvolvida é o marxismo. Obviamente que aqui se trata da teoria elaborada por Marx e daqueles que mantiveram a perspectiva proletária no seu interior, tal como o comunismo de conselhos e o marxismo autogestionário contemporâneo. Assim, o pensamento de Marx é a forma permanente por ter constituído os elementos teórico-metodológicos adequados para a análise da realidade social e luta de classes (método dialético, materialismo histórico, teoria do capitalismo, teoria da revolução proletária) que, em seus elementos essenciais, continuam válidos e foram atualizados e desenvolvidos pelo comunismo de conselhos e pelo marxismo autogestionário. Outras concepções, doutrinas, representações cotidianas se mesclam, influenciam, ou tentam trilhar um caminho autônomo, geralmente caindo no ecletismo com ideologias e concepções dominantes, mas que tem uma presença e impacto no bloco revolucionário que não pode ser descartado no plano analítico.

É com base no marxismo que se funda a estratégia de classe do proletariado. A luta proletária é pela transformação social radical e total das relações sociais, a instauração da autogestão social, ou “comunismo”. A forma como isso ocorre é através da autoemancipação proletária e essa tem na luta de classes o seu processo formativo e que permite a passagem da classe determinada pelo capital à classe autodeterminada. Nesse contexto, é fundamental fortalecer a luta proletária, tanto a luta direta – o que Pannekoek (1977) e os anarquistas (sob formas e com significados nem sempre coincidentes) chamaram de “ação direta”, quanto a luta cultural. Uma vez que o proletariado entra na luta direta contra o capital, ele desenvolve suas formas de auto-organização e autoeducação (MARX e ENGELS, 1988). O bloco revolucionário, através da produção cultural, elabora teorias, produções artísticas, propaganda generalizada, etc., efetivando uma luta cultural que contribui e fornece ferramentas para o proletariado lutar por sua autoemancipação e emancipação humana em geral.

Porém, a forma de produção cultural, além do processo de socialização do saber, divulgação de ideias e obras artísticas, etc., está dominada pelo processo de burocratização e mercantilização. Isso, somado às formas de censura, as dificuldades de produção e divulgação por parte do bloco revolucionário, os limites financeiros dos grupos e indivíduos, entre outras determinações, faz com que a luta cultural do bloco revolucionário fique bastante limitada e, mais ainda, com a influência da hegemonia burguesa, do capital comunicacional e da produção cultural burguesa (tanto do bloco dominante quanto do bloco progressista) sobre os indivíduos que potencialmente seriam do bloco revolucionário, enfraquecendo sua contribuição à luta proletária. Isso é reforçado, ainda, pela divisão no interior do bloco revolucionário.

Assim, a quantidade e qualidade da produção cultural do bloco revolucionário têm uma importância na luta de classes e, mais especialmente, na luta proletária. A constituição de teorias que consigam explicar a sociedade capitalista, a luta de classes, as tendências históricas de transformação social, as estratégias da classe dominante, as ideologias, etc. acabam assumindo importância fundamental por oferecer ferramentas intelectuais para os militantes, jovens, trabalhadores, para combater a hegemonia e mentalidade burguesas, bem como elaborar uma estratégia de classe mais eficaz.

Além da teoria, outro elemento fundamental, que, ao contrário do bloco dominante e do bloco progressista, há dificuldade em constituir, é uma estratégia de classe. Nesse caso, a estratégia de classe precisa justamente superar os elementos que são os seus próprios entraves. Esse é o caso da desarticulação do conjunto de grupos, organizações, indivíduos, etc. que compõem o bloco revolucionário. Enquanto a classe dominante coordena o bloco dominante através do aparato estatal e o bloco reformista tem partidos estruturados e altamente burocratizados para coordenar sua estratégia de classe, o bloco revolucionário não só se defronta com as dificuldades impostas pela sua não mercantilização e burocratização organizacional. Além disso, existem as dificuldades oriundas das características de sua base social associadas à mentalidade e hegemonia burguesas, ainda encontra dificuldade em encontrar uma capacidade organizativa não-burocrática que consiga articular o bloco revolucionário com sua pulverização em uma grande diversidade de pequenos grupos, indivíduos, tendências nos movimentos sociais, etc.

A estratégia do bloco revolucionário, nesse contexto, é a mesma da época de Marx: a união, a associação. A palavra de ordem final do *Manifesto Comunista*, “proletários de todo o mundo, uni-vos” tem um significado mais profundo do que geralmente se imagina. A livre associação dos produtores, o comunismo ou autogestão social, pressupõe a associação. Num primeiro momento, essa associação é de combate, e nesse combate tende a se tornar autogestão que se generaliza em toda a sociedade. Esse processo, obviamente, pressupõe desenvolvimento organizacional e cultural. Na luta direta do proletariado e na luta do bloco revolucionário, estes elementos vão se formando e permitindo a superação da divisão e do divisionismo que é desenvolvido pelo bloco dominante. A estratégia do proletariado é, então, articular luta direta e luta cultural, do conjunto das classes desprivilegiadas e do bloco revolucionário, no sentido de se gerar uma política proletária, autônoma e independente<sup>13</sup>, como passo para conseguir gerar as formas de auto-organização e autoformação fortes o suficiente para destruir o capital e o aparato estatal e instaurar a autogestão social.

O bloco revolucionário também não é homogêneo e é perpassado, como os demais, por divisões internas. Podemos distinguir, no seu interior, duas alas (que, como nos demais casos, podem ser subdivididos), a semiproletária e a proletária<sup>14</sup>. A ala semiproletária é composta pela mesma base social que a ala proletária. A distinção entre ambas ocorre no plano da consciência e da organização. A ala semiproletária possui uma formação política e intelectual na maioria dos casos incipiente, caindo muitas vezes no ecletismo, no dogmatismo doutrinário, na recusa da teoria, entre outras possibilidades. Por isso a hegemonia proletária no seu interior é parcial. No plano organizacional também é incipiente, pois muitos caem no individualismo, apesar de outros formarem grupos de jovens ou grupos políticos. Ela pode ser subdividida entre os rebeldes, sendo que alguns ficam na fronteira com o bloco progressista (e os indivíduos, concretamente, passam de um bloco para outro ou são ambíguos), compondo aqueles que Fromm (2014)

---

<sup>13</sup> O que significa uma política de classe e expressando os interesses de classe do proletariado (articulado com interesses de outras classes desprivilegiadas, grupos sociais, etc.) sob forma autônoma e independente do aparato estatal, governos, partidos, ou seja, toda e qualquer forma de burocracia e como classe em sua totalidade e a partir dos seus interesses coletivos e fundamentais.

<sup>14</sup> Os setores contestadores que não estão nessas alas pertencem ao bloco progressista, seja em sua ala moderada ou extremista.

denominou como sendo de “caráter rebelde”<sup>15</sup>. Há também os indivíduos e até mesmo grupos mais utópicos e, portanto, com maior capacidade e possibilidade de passar para a ala proletária rompendo com seus limites. Alguns possuem sentimentos que apontam para uma concepção revolucionária, mas alguns obstáculos, incluindo formação intelectual precária ou influência de determinadas concepções (mais ou menos avançadas) que travam o processo de desenvolvimento da consciência revolucionária num sentido autenticamente proletário.

Nessa ala há um setor mais organizado, consciente e estruturado, geralmente ligado ao anarquismo, autonomismo, com maior ou menos resistência à hegemonia burguesa ou burocrática, bem como se livrando disso com maior ou menor rapidez. Esse setor tem a vantagem de um trabalho mais permanente, um maior grau de consciência e organização, embora alguns também frequentemente caiam no dogmatismo e ecletismo. Quando ultrapassam o dogmatismo e a prisão doutrinária que criaram para si mesmos, avançam e podem confluir com a hegemonia proletária.

A ala proletária é aquela que não somente possui uma formação intelectual mais desenvolvida, como geralmente maior capacidade organizativa, desenvolvimento teórico e estratégico, bem como maior permanência histórica. A sua expressão mais desenvolvida é através do marxismo e é ela a força propulsora que gera a confluência que gera a hegemonia proletária. Nesse caso, a estratégia de classe e sua atualização e contextualização é realizada, bem como se constitui um núcleo revolucionário e propulsor e generalizador da hegemonia proletária.

A debilidade do bloco revolucionário diminui com a ascensão das lutas proletárias e ele mesmo tem um papel nesse processo. Quando mais, apesar das condições adversas, dificuldades e obstáculos, se estrutura e avança o bloco revolucionário, mais ele contribui com o desencadeamento dessa ascensão e com sua força ao ser desencadeada. Uma vez que a luta proletária e as lutas sociais em geral avançam, isso reforça a tendência e possibilidade do bloco revolucionário se fortalecer e reforçar essa mesma luta. A formação teórica, capacidade organizativa e estratégia

---

<sup>15</sup> Aqui estariam presentes tanto aqueles que Jensen (2015) denominou “ativistas” quanto “rebeldes”, sendo que alguns logo passam para o bloco progressista.

anterior facilita esse processo e por isso, mesmo em épocas de recuo do movimento operário, é necessário avançar, inclusive nos aspectos em que isso tem maior possibilidade de ocorrer, tal como na produção intelectual e, mais especificamente, teórica e estratégica.

Com a ascensão das lutas proletárias, vários setores da ala semiproletária avançam no sentido de superar ilusões, utopismos, influências oriundas da hegemonia burguesa e burocrática, e assim também fortalecem a hegemonia proletária. Nesse momento, a radicalização e o antagonismo na luta de classes também favorece o afastamento desses setores do bloco progressista. Um conjunto de determinações reforça esse processo, tal como o posicionamento de certas pessoas que revelam o que antes estava, para alguns, “oculto”. Nesse momento, indivíduos supostamente “avançados” ou “esquerdistas” assumem posições e defendem ideias que desiludem e abrem a possibilidade da percepção de alguns de que suas concepções em geral nunca foram revolucionárias e estão ligadas a determinados interesses.

Essa tendência geral é ligada a um processo anterior. A luta futura sofre as determinações da luta presente e por isso é fundamental para o bloco revolucionário superar o imediatismo, pois assim pode reforçar e fortalecer a tendência proletária e revolucionária. A maioria das lutas proletárias tende, em momentos não-revolucionários, a não se sedimentar, pois falta memória delas, as novas gerações ou mesmo os processos sequenciais (dias, meses, anos) não avançam a partir de um estágio já adquirido, mas retoma, na maioria dos casos, ao estágio anterior.

O avanço teórico fica restrito a indivíduos ou pequenos grupos ou parcelas do bloco revolucionário. O avanço cultural em geral de uma época se perde na geração seguinte que busca recomeçar do zero e retomando velhos erros já superados pela geração anterior. É o que Pannekoek (2007) colocava a respeito da superação teórica do reformismo que não é acompanhado pela superação real, pois a nova geração de militantes inicia via reformismo por não conhecer tal superação teórica<sup>16</sup>. Por isso a sedimentação é fundamental para o movimento operário e bloco revolucionário.

---

<sup>16</sup> Sem dúvida, essa não é a única determinação do processo, pois existem também os interesses dos novos militantes, pois a classe social dos novos militantes, seus interesses, a força da hegemonia

A sedimentação, apesar de seu papel fundamental, ocorre apenas parcialmente, geralmente com a produção teórica, que muitas vezes existe mas é desconhecida ou deformada/domesticada (como as obras de Marx). Para ocorrer uma sedimentação mais efetiva e menos parcial é necessário o fortalecimento do bloco revolucionário, o que significa não somente sua maior presença na luta de classes através da produção cultural (teórica, artística, propagandística, etc.) e nas lutas sociais, mas também na ampliação quantitativa e resolução das contradições, ambiguidades e limites de sua ala semiproletária.

Aqui nós temos um novo problema, que é a relação entre as duas alas do bloco revolucionário. A ala proletária, inclusive por sua maior radicalidade, é geralmente menos popular e numerosa que a ala semiproletária (em suas diversas manifestações). No entanto, o problema a se resolver é como a ala proletária se relaciona com a semiproletária. Uma forma é através da aliança, ou seja, da ação conjunta, busca de unificação, condescendência, etc. A outra é através do embate e da crítica.

A primeira tem a vantagem de criar aproximação e facilitar a unificação. No entanto, para fazer isso seria necessário certas concessões e isso poderia não só gerar perda de radicalidade do bloco revolucionário como também o seu próprio enfraquecimento, já que a presença da hegemonia burguesa ou burocrática na ala semiproletária (incluindo sua capitulação aos modismos, ecletismo, ativismo, etc.), entre diversos outros problemas, acabariam atingindo o bloco revolucionário, pois muitos indivíduos no interior desse não teria uma percepção mais clara desse processo e acabaria sofrendo influência da ala semiproletária. Isso é mais grave ainda quando setores dessa ala começam a regredir ainda mais.

A segunda tem a vantagem de, ao fazer a crítica e entrar no embate, trazer elementos de consciência e assim gerar processos de autocrítica e avanço no interior da ala semiproletária. Isso, no entanto, teria um possível efeito de maior isolamento da ala proletária devido ao afastamento da ala semiproletária. Contudo, o fortalecimento de uma luta que perde o seu caráter revolucionário é contraditório e trágico e por isso o

---

dominante, entre outros aspectos, também influenciam, embora na época em que Pannekoek escreveu isso, auge da popularidade e inserção nos meios operários da social-democracia (com suas diversas tendências), esses aspectos tinham menos impacto.

combate é a forma mais adequada, a não ser em casos específicos e concretos em que haja uma real possibilidade de avanço da ala semiproletária ou setores dela.

### **Blocos Sociais:**

#### **Oposição e Antagonismo na Dinâmica da luta de Classes**

A luta de classes ocorre na vida cotidiana, no local de trabalho, locais de estudos, moradia, cultura, instituições. Contudo, sob a forma consciente no sentido de uma consciência de classe, ela se manifesta no âmbito dos blocos sociais, a não ser em épocas de ascensão das lutas sociais. Os blocos sociais são expressões políticas e culturais das classes sociais, são sua “superestrutura”, para usar a metáfora do edifício. Por isso não deixa de ser curioso que o bloco revolucionário, que expressa a maioria da população, seja o menor e mais frágil deles, às vezes quase inexistente. A razão disso já foi explicada anteriormente: as condições de vida das classes sociais que tendem a gerá-lo e a hegemonia e mentalidade burguesas, além dos seus mecanismos de reprodução (aparato estatal, capital comunicacional, etc.).

O bloco revolucionário tem até potencialidade para avançar mais do que geralmente o faz, mas isso depende de certas determinações, como, por exemplo, uma compreensão mais ampla e profunda da realidade social, pois sem isso, se cede fácil ao encanto das ideologias da moda, da rebeldia inconsequente, do capital comunicacional, das necessidades imediatas e reformismo, entre milhares de outros elementos que poderiam ser citados. A força descomunal do bloco dominante constitui esses elementos e mostra sua capacidade de manter as classes desprivilegiadas submetidas ao mundo asfixiante da cultura capitalista e, por conseguinte, enfraquecer o bloco revolucionário, sendo um reflexo da fraqueza de tais classes. O antagonismo<sup>17</sup> entre bloco revolucionário e bloco dominante é outra determinação nesse processo, pois o primeiro vem para combater a mentalidade e hegemonia burguesas, mas também suas supostas “dissidências”, a hegemonia burocrática e as forças progressistas e reformistas, incluindo

---

<sup>17</sup> Esse antagonismo é de classe e se manifesta em lutas sociais, que, embora muitas vezes possa repercutir em casos individuais, não se trata de ataque a indivíduos. Logo, o antagonismo de classe não é pretexto para ataques individuais despropositados ou pretexto para pessoas com desequilíbrios psíquicos, problemas pessoais ou enraivecidos atacar pessoas.

sua ala extremista. A radicalidade desse antagonismo acaba enfraquecendo o bloco revolucionário, pois aí ele aparece como “utópico”, irreal. Ou se aceita a sociedade como é, se aliando ao bloco dominante (e, caso queira alguma mudança pontual, detalhes, quem governa, tem a outra ala do mesmo para escolher no “livre jogo democrático”), ou se busca transformá-lo, de forma realista, aliando-se ao bloco progressista e buscando reformas e melhorias democraticamente ou, então, ainda tem sua ala extremista na qual pode ser mais “radical” e querer a estatização e tomada do poder estatal via luta armada. Nesse caso, “todo caminho leva a Roma”.

Por conseguinte, é inevitável que o bloco revolucionário seja marginal e seja a terceira força política. Assim, além de torcer pela ascensão das lutas sociais e especialmente as lutas proletárias, o que tende a ocorrer com o passar do tempo, inclusive reforçado pelas divisões internas do bloco dominante e pelas crises cíclicas do capitalismo, é preciso que o bloco revolucionário faça algo mais. Esse “algo mais” significa constituir um aprofundamento teórico para uma compreensão mais ampla e profunda da realidade social, a crítica das ideologias e imaginários, a superação teórica da hegemonia burguesa e mentalidade dominante, análise dos processos contrarrevolucionários e do projeto alternativo de sociedade.

Esse é um elemento possível, embora difícil e que não é suficiente. Ele pode sedimentar a luta cultural, elemento estratégico e fundamental. Mas precisa dar o segundo passo: socializar essa saber produzido, espalhar esses elementos de consciência pela sociedade, atingir as classes desprivilegiadas. Os meios para se conseguir isso são os mais variados: propaganda generalizada (desde os antigos panfletos, passando por jornais, usos da internet, etc.), mecanismos de divulgação diversos, encontros, intervenções localizadas, etc. Esse é um processo que pode contribuir com a sedimentação da luta, ou seja, garantir a conservação do que se conquistou e ampliar cada vez mais, servindo de ponto de apoio para lutas futuras.

Um terceiro elemento para o processo de sedimentação do bloco revolucionário é organizacional. É necessário constituir organizações não-burocráticas que avancem no processo de luta e intervenção, bem como gerando espaço próprio de sedimentação e avanço da luta. Sem dúvida, se, ao invés de dez, existirem cem organizações, isso significa um avanço da luta. É, no entanto, um avanço parcial, se tais organizações forem



desarticuladas, se não tiverem formulação teórica e estratégica, pois as divisões, discordâncias, perda de capacidade mobilizadora e organizadora, de intervenção, graças aos “rachas”, disputas internas, desunião, serão constantes. A unificação do bloco revolucionário é fundamental para que ele consiga ser uma expressão mais eficaz do proletariado e contribua mais efetivamente com sua luta.

O quarto elemento é derivado deste e é justamente a intervenção e capacidade de mobilização junto à população, bem como criar uma corrente de opinião que se contraponha à que é predominante, além de estar intimamente relacionada com a socialização do saber. Este quarto elemento, no entanto, depende dos anteriores.

E todos esses elementos dependem da base social do bloco revolucionário, com os problemas já aludidos anteriormente. Por isso se torna fundamental o processo de organização e articulação do conjunto das organizações que seria fundamental para a sedimentação<sup>18</sup> da luta do bloco revolucionário e do proletariado. A sedimentação da luta do bloco revolucionário tem um efeito na luta de classes que não é desprezível e pode ser fundamental quando eclodir crises e processos revolucionários. A sedimentação anterior permite melhores condições de luta, mais setores organizados e conscientes, ações mais estratégicas, menos divisões e maior capacidade de intervenção social e colaboração com a luta proletária.

O bloco dominante realiza um combate permanente ao bloco revolucionário, mas apenas nos momentos de crises, ascensão das lutas sociais, radicalização do movimento operário, possibilidade ou desencadeamento de um momento revolucionário, é que se pode se tornar um foco. Antes disso ou da possibilidade real disso acontecer, o bloco dominante apenas utiliza sua ação cotidiana e permanente de manter o domínio da mentalidade e hegemonias burguesas e formas de corrupção e cooptação de indivíduos, grupos, setores de movimentos sociais, etc. Outra ação comum é a criação de polarização entre as alas do bloco dominante ou então entre este e o bloco reformista (apesar de

---

<sup>18</sup> A sedimentação significa, simultaneamente, preservar o sedimento conquistado (uma obra teórica, a memória de uma luta proletária importante, o avanço estratégico ou organizativo, etc.) e/ou ampliá-lo, ou seja, significa a preservação de uma conquista e/ou sua ampliação que é ponto de partida para outra conquista e ampliação ainda maior. Um dos maiores obstáculos do movimento operário e bloco revolucionário é justamente a dificuldade de sedimentação da luta, que geralmente deve recomeçar novamente, praticamente do zero, a cada nova geração.

alguns integrantes da classe dominante temerem estes, não só por uma percepção equivocada da sua posição política, ilusoriamente tida como “revolucionária” – o que tem um momento de verdade no sentido de que a ala extremista pode conter grupos e indivíduos insurrecionalistas, que visam tomar o poder estatal via luta armada – mas por interesses mais específicos e contrários a processos de estabilização e determinadas políticas específicas).

O bloco dominante, quando sua hegemonia é muito forte e sem grandes riscos, pode se dar ao luxo de gerar uma polarização entre as suas duas alas sob forma quase permanente. É o caso dos Estados Unidos, país no qual o bloco progressista é diminuto e o bloco revolucionário mais ainda, o que permite o revezamento no poder de democratas e republicanos, mudando de ala governista a opositora com relativa facilidade. Também em momentos de crises ou acirramentos de conflito, a polarização entre as duas alas do bloco dominante pode ocorrer para desviar ou enfraquecer os demais blocos jogando a população numa disputa estéril, apesar do risco que isso gera. O risco é que a polarização pode gerar envolvimento da população que, em certo momento, pode ultrapassar as duas alas em oposição. Esse é o caso brasileiro desde 2014, depois das manifestações de 2013 e risco do bloco revolucionário se fortalecer, o que ficou mais provável pelo fato da ala governista ser ex-integrante do bloco progressista e este estar desacreditada e enfraquecida. Essa polarização visa desviar as classes desprivilegiadas de uma aproximação com o bloco revolucionário e assim a ala governista, devido seu passado e seu neopopulismo neoliberal, aparecer como “esquerda” ou “comunista”, o que é alardeado pela ala extremista do bloco dominante, coadjuvante que cumpre um papel de força nessa polarização.

O bloco progressista, em alguns países, consegue um certo lugar de destaque e muitas vezes, com sua ala moderada (e mais moderada do que a de outros lugares), geralmente consegue polarizar com o bloco dominante. A disputa eleitoral é realizada e em certos contextos históricos, como durante o regime de acumulação conjugado, ele pode se tornar governo e passar do bloco reformista para o dominante, como foi comum no caso europeu. O bloco progressista faz uma política dúbia, tentando agradar a gregos capitalistas e troianos proletários. Assim, precisa combater o bloco revolucionário com força, em alguns momentos é seu alvo principal, pois é seu principal adversário no interior

da população, já que tem uma parte cativa que apoia o bloco dominante (ou uma de suas alas) e outra que tende a apoiar o bloco progressista. Mas tem uma parte da população mais oscilante e outra mais radicalizada e os votos e apoio perdidos aí podem ser decisivos e daí o combate ao bloco revolucionário ser fundamental.

O bloco revolucionário, por estar ligado ao projeto de transformação social radical e total das relações sociais, então combate ambos os blocos, não no plano da política-institucional, que é o campo deles, a não ser quando propõe abstenção ou voto nulo, e sim a hegemonia burguesa ou burocrática, suas ideologias, suas organizações, através da crítica e da luta no conjunto das relações sociais onde consegue efetivar isso. Sem dúvida, a ala semiproletária do bloco revolucionário, por suas deficiências próprias, especialmente no plano da consciência (falta de teoria, estratégia, compreensão mais profunda do bolchevismo), mas também seu voluntarismo e ativismo, lhe permite unir com setores do bloco progressista, por seu suposto papel de mobilização social (especialmente sua ala extremista, embora até mesmo com as alas moderadas). Essa é outra dificuldade do bloco revolucionário, pois quando setores dessa ala realizam tal prática, acabam fortalecendo, legitimando e reforçando um setor do bloco progressista e tudo que ele significa (burocracia, especialmente). Para conquistar migalhas para os trabalhadores ou para conseguir apoio popular, popularidade, “inserção social”, acabam reforçando ilusões e os adversários do projeto autogestionário.

O problema é que a base social deles nem sempre os acompanha e isso é mais grave no caso do bloco revolucionário, justamente o que tem a quantidade a seu favor e que é sua maior força, mas devido aos seus problemas internos e a situação concreta do proletariado e classes desprivilegiadas, é mais difícil de conquistar. O bloco dominante também tem essa dificuldade, mas em grau muito menor e quando os seus interesses são ameaçados, tende a se unificar em torno da ala que poderá apresentar a resolução do problema, mesmo que seja a sua ala extremista ou até mesmo apelo ao bloco progressista para resolver as crises e conter a luta proletária. A estratégia da classe dominante de apelar para a social-democracia e, caso essa falhe, para o fascismo, nazismo, etc., é apenas um exemplo da capacidade de unificação (que nunca é total) do bloco dominante em torno daqueles que, normalmente, não faria.

O bloco progressista também se divide e tem a mesma dificuldade, mas devido sua composição social, tendo como forças diretivas classes auxiliares da burguesia, precisa do apoio popular e tem, muitas vezes, dificuldade em conseguir isso e as classes que lhe dão sustentação nem sempre lhe apoia efetivamente. Isso ocorre com setores da burocracia que preferem, por seus interesses de fração de classe, a subordinação privilegiada à classe dominante, aliando-se ao bloco dominante e setores da classe intelectual, sendo que uma pequena parte dessa ainda se alia ao bloco revolucionário, enquanto que a maioria se alia ao bloco dominante. A sua unificação raramente acontece, sendo que isso só é possível quando se aquartela no poder estatal, unificando a maioria em torno de sua ala moderada, excluindo a ala extremista (a parte que não se converte em moderado para usufruir as benesses do poder) ou então quando sua ala extremista toma o poder estatal e unifica pela absorção e repressão dos poucos dissidentes, geralmente da classe intelectual ou burocracia inferior que quer ascender ao escalão superior.

Essa é uma breve síntese do processo de confronto entre os blocos sociais e como são derivados das lutas de classes, pois, no fundo, eles estão expressando as classes e seus interesses. Uma síntese incompleta e muito distante do esgotamento das questões envolvidas, algumas apenas mencionadas.

### **Considerações finais**

Os blocos sociais são reais, existem efetivamente, e são fundamentais para analisar as conjunturas políticas, as divisões e subdivisões das classes sociais, explicar fenômenos que aparentemente a luta de classes não explicaria (por ser uma emanção transformada delas por outras múltiplas determinações), etc. Ela ganha importância, especialmente no caso da análise das lutas de classes no plano histórico-concreto e também na contemporaneidade, no qual é possível perceber, simultaneamente, as divisões entre as classes, o caráter de classe de suas posições, bem como as formas ilusórias como esses blocos sociais aparecem para a consciência da população e até mesmo setores dos movimentos sociais e grupos políticos.

Nesse sentido, a análise dos blocos sociais ajuda a superar a intransparência capitalista, especialmente no plano político, ao revelar a luta de classes por detrás das forças políticas, suas divisões e subdivisões. Esse processo analítico deve ser aprofundado para poder fornecer mais ferramentas analíticas e, ao mesmo tempo, ser utilizado para analisar casos históricos concretos, pois ganha concreticidade e mostra seu poder explicativo<sup>19</sup>.

#### REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Materialismo Histórico e Materialismo Dialético*. In: BADIOU, Alan e ALTHUSSER, Louis. *Materialismo Histórico e Materialismo Dialético*. 2ª edição, São Paulo: Global, 1986.
- BARROT, Jean. O Renegado Kautsky e o seu Discípulo Lênin. *Revista Marxismo e Autogestão*, Vol. 01, num. 01, jan./jul. de 2014.
- BERNSTEIN, Eduard. *O Socialismo Evolucionário*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- FROMM, Erich. O Caráter Revolucionário. *Revista Marxismo e Autogestão*, Vol. 01, num. 02, jan./jun. de 2015.
- JENSEN, Karl. Os Limites do Autonomismo. *Revista Marxismo e Autogestão*, Vol. 01, num. 01, jan./jun. de 2014.
- JENSEN, Karl. Reflexões Sobre a Militância Política. *Revista Marxismo e Autogestão*, Vol. 02, num. 04, jul./dez. de 2015b.
- KAUTSKY, Karl. *Ética y Concepción Materialista de la Historia*. Córdoba: Cuadernos Pasado y Presente, 1975.
- KORSCH, Karl. *Karl Marx*. Barcelona: Ariel, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. *A Reprodução das Relações de Produção*. Goiânia: Edições Redelp, 2016.
- LEFEBVRE, Henri. *Introdução à Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LÊNIN, W. Infantilismo de Esquerda e Mentalidade Pequeno-Burguesa. In: *Estado, Ditadura do Proletariado e Poder Soviético*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988a.
- LÊNIN, W. Reunião do CEC de toda a Rússia. In: *Estado, Ditadura do Proletariado e Poder Soviético*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988b.
- LINDGREN, Henry Clay. *Ansiedade: A Doença do Século*. São Paulo: Globo, 1965.

---

<sup>19</sup> Um exemplo de análise desse tipo pode ser visto no artigo *A Luta de Classes no Brasil (2013-2015)* (VIANA, 2015f).

- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 8ª edição, São Paulo, Hucitec, 1991.
- MARX, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. 2ª edição, São Paulo: Global, 1986a.
- MARX, Karl. *O Capital*. 5 vols. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MARX, Karl. *O Dezoito Brumário e Cartas A Kugelmann*. 5ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986b.
- PANNEKOEK, Anton. *Las Divergências Tácticas em el Movimiento Obrero*. Madrid, Ediciones Espartaco Internacional, 2007.
- PANNEKOEK, Anton. *Los Consejos Obreros*. Madrid: Zero, 1977.
- POULANTZAS, Nicos. *Poder Político e Classes Sociais*. São Paulo, Martins Fontes, 1977.
- TARDIEU, Serge. Crítica ao Especificismo. *Revista Marxismo e Autogestão*, Vol. 02, num. 03, jan./jun. de 2015.
- VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaio sobre o Materialismo Histórico-Dialético. 2ª edição, Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.
- VIANA, Nildo. A Luta de Classes no Brasil (2013-2015). *Revista Espaço Livre*, 2015f.
- VIANA, Nildo. *As Esferas Sociais*. A Constituição Capitalista da Divisão do Trabalho Intelectual. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015e.
- VIANA, Nildo. *Estado, Democracia e Cidadania*. A Dinâmica da Política Institucional no Capitalismo. 2ª edição, Rio de Janeiro: Rizoma, 2015d.
- VIANA, Nildo. Hegemonia e Luta Cultural. *Revista Sociologia em Rede*. Vol. 05, num. 05, 2015c.
- VIANA, Nildo. Introdução à Crítica da Ideologia Gramsciana. *Revista Marxismo e Autogestão*, Vol. 02, num. 03, jan./jun. de 2015b.
- VIANA, Nildo. *Juventude e Sociedade*. Ensaio sobre a Condição Juvenil. São Paulo: Giostri, 2015a.
- VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- VIANA, Nildo. *O Que São Partidos Políticos?* Goiânia: Edições Germinal, 2003.
- VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Prismas, 2016.
- VIANA, Nildo. *Universo Psíquico e Reprodução do Capital*. Ensaio Freudo-Marxistas. São Paulo: Escuta, 2008.